

Revelação e pluralismo religioso: apontamentos a partir de Paul Tillich

Alonso S. Gonçalves*

RESUMO

Paul Tillich sempre se interessou pela *teologia das religiões* e, como consequência, para pelo diálogo inter-religioso. Suas conferências sobre o tema bem como seus encontros com outras religiões, como o *budismo*, por exemplo, o coloca como um teólogo que contribuiu para o reconhecimento do *pluralismo religioso*. Este texto pretende analisar a possibilidade de se reconhecer o *pluralismo religioso* a partir da concepção de *revelação* presente no pensamento tillichiano como pré-disposição para tal reconhecimento, tendo como base hermenêutica a *revelação* e sua dimensão fenomenológica.

Palavras-chave: Paul Tillich; Teologia das religiões; Revelação; Pluralismo religioso.

REVELATION AND RELIGIOUS PLURALISM: NOTES FROM PAUL TILLICH

ABSTRACT

Paul Tillich was interested in the *Theology of Religions* and the inter-religious dialogue. He is one of the theologians who contributed to the acknowledgment of the religious pluralism because of his conferences on this topic and his encounters with other religions, such as the *Buddhism*. This paper intends to analyze the possibility of recognizing religious pluralism from the conception of revelation in Tillich's thought as a pre-disposition to such recognition, having the hermeneutic revelation and its phenomenological dimension as fundamental basis.

Keywords: Paul Tillich; Theology of Religions; Revelation; Religious Pluralism.

* E-mail: alonso3134@hotmail.com>

Introdução

A discussão em torno do tema *teologia das religiões* tem sido profícua e necessária em tempos de cultura globalizada e, ao mesmo tempo, fragmentária. Como conceito, *teologia das religiões* procura ser uma chave de leitura, a partir da *teologia cristã*, com o fim de proporcionar uma reflexão em tempos de *pluralismo religioso* (TEIXEIRA, 2008, p. 969). Nesse intento, a *teologia das religiões* quer ser promotora de novas fronteiras quando convida a *teologia cristã*, com seu arcabouço teológico, para o diálogo com outras expressões religiosas, mas tendo como pré-condição uma *revisão* de seus pressupostos teológicos para que seja possível uma abertura para o outro que, assim como o cristianismo enquanto expressão religiosa, possui valores teológicos e pontos comuns que possibilitam o diálogo. Com isso, segundo Claude Geffré, a *teologia das religiões* procura “interrogar-se sobre o significado do pluralismo religioso no plano de Deus” (*apud* TEIXEIRA, 2008, p. 969). O conceito, ao que tudo indica, ficou condicionado à reflexão que a *teologia cristã* faz, ou procura fazer, a partir de sua própria concepção teológica sobre as demais religiões permitindo abertura para outras confissões religiosas. Um esforço legítimo e necessário. Hoje o tema da *teologia das religiões* tem sido amplamente disseminado por diversos autores que procuram colocar na pauta a necessidade de uma reflexão séria que contemple um *status* de alteridade em relação às demais religiões e esse empreendimento tem proporcionado profundas e interessantes contribuições para o debate. É preciso, dentro de um contexto global e plural, favorecer o contato com o *outro*, ou seja, “é humano querer compreender mais sobre quem é religiosamente [o] ‘outro’” (KNITTER, 2008, p. 22).

Mesmo a *teologia das religiões* favorecendo a abertura para um debate solidário e fraterno com as demais tradições religiosas, ainda é uma *teologia cristã das religiões*. Quando assim entendida, a *teologia cristã das religiões*, dentro de sua dimensão dialógica, se divide quanto aos seus intérpretes, tendo, pelo menos, três direções (TEIXEIRA, 2008, p. 970): a dimensão *exclusivista*, que postula um fechamento em torno da figura de Jesus e da Igreja como condição salvífica, vertente essa presente tanto no catolicismo quanto no protestantismo; a dimensão *inclusivista*, onde se aceita valores positivos às demais tradições reli-

giosas, mas ainda não confere *status* salvífico; a dimensão *pluralista*, popularizada por teólogos como John Hick e Paul Knitter, onde há o reconhecimento de que em outras tradições religiosas há legitimidade e autonomia salvífica. O debate ainda é travado em torno da dimensão salvífica, o que é extremamente necessário indubitavelmente, e não em torno de algo anterior à própria interpretação doutrinária ou ritualista de determinada tradição religiosa.

Situando o debate em torno desse tema, *teologia cristã das religiões*, que têm, naturalmente a sua relevância, que concebo aqui a ideia de que em Paul Tillich há uma possibilidade de trazer aportes teóricos e metodológicos para o debate do *pluralismo religioso* que não passe, necessariamente, pelas três comumente conhecidas vias da discussão (exclusivista, inclusivista e pluralista). Isso, certamente, não diz que não seja possível formular uma *teologia cristã das religiões* a partir do pensamento de Tillich. Geffré, por exemplo, faz isso a partir da figura de Cristo na teologia tillichiana de maneira competente (GEFFRÉ, 2013, 99). Aqui não há uma negação desse exercício, apenas uma tentativa de formular o debate em torno do reconhecimento do pluralismo religioso tomando como pressuposto teórico e metodológico a concepção de *revelação* em Tillich. É aqui que pretendo expor, ainda que sucintamente, intuições que favoreçam um reconhecimento da *revelação* como condição primeira para se pensar no pluralismo religioso.

Pluralismo religioso como manifestação do *sagrado*

Não querendo trazer as implicações do uso da palavra *sagrado*, que não a tomo aqui como uma categoria sociológica como empregou Émile Durkheim (OLIVA, 2008, p. 897), assumo ela a partir da concepção de *sagrado* encontrada em Mircea Eliade onde o conceito é compreendido como um fenômeno presente nas diversas religiões e diferentes localidades, não entrando aqui na discussão que o pesquisador romeno faz em torno do *sagrado* e do *profano*. Eliade tem na *fenomenologia* seu método para pesquisar o *sagrado* e sua manifestação religiosa (SOUZA, 2014, p. 84). Neste sentido, a *fenomenologia* em Eliade, com suas implicações filosóficas naturalmente, é recurso metodológico para “compreender um fato histórico ou símbolo religioso”,

tendo “a compreensão do *sagrado* que envolve a sua vivência e a sua experiência como campo de estudo próprio” (SOUZA, 2014, p. 87).

O *sagrado* como manifestação se dá na construção religiosa que contempla estruturas míticas, ritos, ascese e comportamentos. Antes de ser uma religião em termos constituídos, o *sagrado* é sua primeira constatação. “O *sagrado*, antes de ser um conceito ou criação humana, seria uma experiência, algo que acompanharia a sensibilidade humana” (MAGALHÃES & PORTELLA, 2008, p. 62) Aqui o *fenômeno religioso* é um fato, pois possibilita a pergunta por algo anterior ao próprio fenômeno.

De acordo com Tommy Akira Goto (2004, p. 110), Tillich quando desenvolve o seu principal método, o da *correlação*, resgata a fenomenologia para investigar o *ser*. Antes de procurar os fundamentos metafísicos do *ser*, Tillich procura o fundamento originário do *ser*, ou seja, não se parte da metafísica para compreender o ser humano, pois ela (a metafísica) já seria um recurso hermenêutico. A fenomenologia está presente na *teologia sistemática* como instrumento analítico dos conceitos teológicos (GOTO, 2004, p. 124). Um desses conceitos é o da *revelação*. Ela é analisada *fenomenologicamente* “porque parte da experiência individual e não de construções especulativas” (GOTO, 2004, p. 126).

A manifestação do *sagrado* (Eliade) como fenômeno (aquilo que aparece à consciência, seguindo Edmund Husserl) possibilita, por si, o *pluralismo religioso*, sendo a manifestação da diversidade religiosa enquanto momento subsequente à dimensão do *sagrado*.

A revelação em Paul Tillich

A aproximação de Tillich com o tema da *história das religiões* sempre foi uma preocupação no seu pensamento e trajetória de vida. A sua viagem ao Japão (1960) proporcionou um rico debate com representantes do *budismo* e as conferências com o colega Eliade na Universidade de Chicago (1965) dá a ele a oportunidade de contribuir, como teólogo sistemático, ao debate em torno da *teologia das religiões*. Depois de sua morte, alguns dias depois da apresentação de sua conferência, Eliade organiza suas preleções e um importante texto, ainda que curto, nos dá a possibilidade de vislumbrar alguns apontamentos no seu pensamento quanto ao desafio das religiões (TEIXEIRA, 2012, p. 52).

Na sua conferência *O significado da história das religiões para o teólogo sistemático* (TILLICH, 1976, 95-118), Tillich trata de duas posturas, igualmente radicais em seu tempo, de teólogos frente às demais religiões. Karl Barth é classificado como um teólogo que rejeita as demais religiões, com exceção da sua própria, e, por outro lado, teólogos que postulam uma *teologia-sem-Deus*, provavelmente uma referência ao movimento teológico conhecido como *teologia da morte de Deus* tendo como principais expoentes William Hamilton e Thomas Altizer, que defendem uma total *secularização* frente à religião (CALVANI, 2010, p. 154). Uma das conclusões de Tillich é de que “as experiências revelatórias são universalmente humanas. Existe revelação em todas as religiões porque Deus sempre deu testemunho de si mesmo” (CALVANI, 2010, p. 154). No seu pequeno texto, Tillich fornece cinco passos para uma análise da história das religiões e o terceiro procura colocar a *fenomenologia* como critério de avaliação, ou seja, “o terceiro passo consiste em apresentar uma fenomenologia da religião, mostrando os fenômenos, em especial aqueles que se revelam na história da religião: símbolos, ritos, ideias e diversas atividades” (TILLICH, 1976, p. 116). Tomando a fenomenologia como suporte metodológico, é possível perguntar por algo anterior ao fenômeno religioso. Essa pergunta nos remete ao conceito tillichiano da *revelação*.

Em *correlação à revelação* há a *razão*. Como aqui o espaço é limitado para o detalhamento da compreensão tillichiana de *razão*, importa saber que para ele *razão* contempla uma dimensão *ontológica*. Há uma profundidade na *razão* que possibilita “apontar para a verdade-em-si, isto é, ao poder infinito do ser e do ultimamente real” (TILLICH, 2005, p. 93). Em diversos âmbitos da vida humana, a *razão* se manifesta principalmente na sua dimensão espiritual. É neste âmbito que a *razão* pergunta pela *revelação*.

Com todos os dilemas e conflitos aglutinados na *razão*, a *revelação* se faz necessária “pois é justamente a revelação que mostra claramente a condição da razão e vem ao encontro das perguntas e anseios que, desde esta condição, ela formula ou expressa” (MUELLER, 2005, p. 62-63). Sendo assim, “a revelação é a manifestação daquilo que nos diz respeito de *forma* última. O mistério revelado é nossa *preocupação última*, porque é o fundamento de nosso ser” (TILLICH, 2005, p.

123). Essa ideia focada na história das religiões é elucidativa enquanto manifestação do *pluralismo religioso*, pois

os eventos reveladores sempre foram descritos como acontecimentos que chocam, transformam, exigem, que são significativos de forma última. Eles procedem de fontes divinas, do poder daquilo que é santo e que, portanto, possui uma reivindicação incondicional sobre nós. Só o mistério que é de preocupação última para nós aparece na revelação (TILLICH, 2005, p. 123).

É essa *preocupação última* que possibilita o encontro com as religiões. A religião se dá como fenômeno de algo que a precede. Portanto, a religião se dá dentro da dimensão ontológica do ser humano. Com isso, é possível conceber o *pluralismo religioso* como um fato subsequente da própria condição humana que, nas contradições da *razão*, pergunta pela *revelação* sendo essa pergunta ontologicamente possível porque se encontra com a *preocupação última* do ser humano. Diante desse quadro, para Tillich “nenhuma religião pode alimentar a pretensão de ter o monopólio da revelação divina [...] Tillich soube identificar com grande delicadeza a presença da universalidade e riqueza dos ‘dons’ de Deus, que sempre antecedem a dinâmica da busca religiosa realizada pelos seres humanos” (TEIXEIRA, 2006, p. 33).

Na *Teologia Sistemática* (2005), Tillich pontua os *meios* pelos quais a *revelação* pode se *manifestar*. Dentre eles ele destaca a *natureza*. Os objetos naturais são portadores de *revelação* (TILLICH, 2005, p. 131). Mesmo a *natureza* tendo essa condição de ser *meio* de *revelação*, Tillich argumenta de que isso não significa uma *revelação natural*. A *teologia natural*, como ficou conhecida, também foi alvo de críticas e teve como um dos principais opositores Karl Barth. Para Tillich (2005, p. 132), não pode haver *revelação natural*, “pois se é conhecimento natural não é revelação, e se é revelação ela torna extática e milagrosa a natureza”. A *revelação* se dá no processo em que a *razão* levanta a questão do *fundamento do ser* – conceito chave no sistema teológico tillichiano – mas nem a *revelação natural* (como consequência a *teologia natural*) pode dar a resposta, apenas a *revelação* pode respondê-la (TILLICH, 2005, p. 132).

Assim, “a revelação pertence à autocompreensão de toda a religião, que sempre se considera a si mesma criação divina, e não meramente

humana” (QUEIRUGA, 1995, p. 20). Essa sentença coloca a *revelação* como sendo algo anterior à expressão religiosa, ou seja, “a religião é a tomada de consciência da presença do divino no mundo” (QUEIRUGA, 1995, p. 21). Essa tomada de consciência é a percepção do *mistério* último que toca incondicionalmente.

Dificuldades do protestantismo(s) quanto ao reconhecimento do pluralismo religioso

O cristianismo, em sua vertente denominada protestantismo(s) de missão, concebe a *revelação* como um fato *exclusivo* do cristianismo. A ala que postula uma *ortodoxia* doutrinária assume a Bíblia como estágio final e definitivo da *revelação*. Luciano Ximenes (2007, p. 64), quando faz uma análise da *revelação* em Paul Tillich, inicia dizendo que “em todos os símbolos da fé reformada encontram-se o posicionamento sobre o conceito de revelação e o reconhecimento da Bíblia como fonte única e final da revelação especial de Deus”. A dificuldade aqui é permitir uma abertura para reconhecer a *pluralidade* de manifestações religiosas tendo como condição primeira à *revelação*. Em relação a isso, a *ortodoxia* presente no protestantismo(s) de missão tem sérias dificuldades em reconhecer por entender que o texto bíblico é, *per si*, a própria *revelação*. Com essa postura, é infactível antes mesmo do diálogo o próprio reconhecimento de outras tradições religiosas e seus respectivos valores. Isso se deve ao conceito de *verdade* traduzido na *ortodoxia*. A *verdade* é um conjunto de doutrinas que determinam a fé e define o *status* religioso de quem adere. Nesse sentido, a *verdade* é superior à *revelação*, pois esta, a *revelação*, está contida na *verdade* que é a Bíblia. Já para Tillich “quem busca a verdade em uma doutrina, ainda não se elevou realmente por sobre aquilo que é transitório, ainda não sabe do que é eterno. A verdade não é uma doutrina, mas vida. A verdade não é uma coisa, mas uma pessoa” (*apud* MUELLER, 2005, p. 43).

O movimento de Martinho Lutero teve a Bíblia como força motriz. Mas em nenhum momento a Bíblia ganhou um *status* de infalibilidade ou inerrância. Esses são conceitos posteriores. Para o monge alemão, a preocupação com os “canônicos” nunca foi primordial. Segundo Martin Dreher (2006, p. 44), Lutero via o *Evangelho* como anterior à Bíblia (cânon). Daí a ideia de que a Bíblia não era o *Evangelho*, mas o que ela

relata, sim, é *Evangelho*. Para o reformador, a mensagem do *Evangelho* vinha antes da Bíblia e não depois. Nesse sentido, portanto, a Bíblia *continha* a Palavra de Deus (TILLICH, 1988, p. 222). O mesmo não se aplica a João Calvino, que compreendia o texto bíblico como uma “lei da verdade”, concepção que irá ultrapassar suas ideias no desenrolar do *protestantismo(s)* fomentando uma relação com a Bíblia a partir da radicalidade do literalismo (TILLICH, 1988, p. 250).

À procura de uma *autoridade* suprema e infalível, o *protestantismo(s)* buscou no texto bíblico a sua fonte. Em disputas com o liberalismo teológico europeu, o *protestantismo(s)* estadunidense formulou os *fundamentos* tendo como primeiro ponto “a inspiração e inerrância da Bíblia”. Estava aí a porta de entrada e o critério de legitimidade do *protestantismo(s)* – a revelação estava na Bíblia, logo a Bíblia não contém erros em tudo que afirma (HORDERN, 1979, p. 70ss).

O doutrinamento do *protestantismo(s)* se deu com as diversas “Declarações de Fé”. Em todas elas a *revelação* é atrelada ao texto bíblico. A declaração mais expressiva nesse sentido é a *Declaração de Chicago sobre a Inerrância da Bíblia* (GRUDEM, 1999, p. 1033-1038). Nela há uma série de artigos afirmando a supremacia da Bíblia e seu caráter revelacional.

A partir disso a Bíblia deixa de ser um *registro da revelação*, ou como pensa Tillich (2005, p. 168), a *fonte* ou *documento da revelação*, para ser a própria *revelação*.

O(s) *protestantismo(s)* brasileiro(s) é(são) herdeiro(s) dessa dicotomia Bíblia-revelação. A postura diante da Bíblia será marcada pelo radicalismo, pela cisão, pelas disputas ideológicas e de poder nas denominações que formam o *protestantismo histórico*. A Bíblia como “Palavra de Deus” é tomada no seu sentido mais absoluto, inexorável: “[...] o texto contém palavras que brotaram da eternidade e foram escritas no tempo. Deus falou de forma final e completa” (ALVES, 2005, p. 115ss). Na crítica de Rubem Alves, essa postura anula as mediações que a Bíblia tem em seu contexto: a leitura temporal da Bíblia, ou seja, uma leitura para o seu próprio tempo, é reprimida; ocorre a destruição dos símbolos e mitos do texto; por fim, o livre-exame deixa de existir. Nesse sentido, de acordo com Antonio Gouvêa Mendonça, a Bíblia ficou cativa no *protestantismo(s) de missão* (MENDONÇA, 1989, p.

167-182). A Bíblia passa a ser um edifício dogmático contendo toda a “verdade”. Por conta disso a inspiração necessita ser verbal, para que a *revelação* seja infalível (NOGUEIRA, 2002, p. 31-49).

Partindo de eixos condutores, como a exegese contemporânea e a *teologia das religiões*, ou seja, a contribuição da exegese na solução de questões bíblicas que até então eram inquestionáveis e a *teologia das religiões* como formas revelacionais, Andrés Torres Queiruga procura demonstrar que aquela ingenuidade de pensar que os homens e as mulheres da Bíblia viviam sua ética, culto e religiosidade como algo expressamente revelado não é mais concebível (QUEIRUGA, 1995, p. 24). O povo de Israel viveu sua fé, que incluiu, naturalmente, vicissitudes, como tramas, conquistas, derrotas, alegrias, tristezas. Sua história foi ganhando corpo escrito depois do exílio babilônico. E se há *revelação* no texto, como há de fato, ela surgiu como consequência de um processo de fé que modelou seu pensamento e experiência. O texto não surgiu como palavra feita e dada no nada e no vazio, muito pelo contrário, o texto recolhe sagas, mitos, festas, lendas, folclore para dar claridade ao passado de Israel e sua experiência originária com o conhecido *Iahweh* (QUEIRUGA, 1995, p. 32).

O mesmo com os escritos do Novo Testamento: a experiência com o Deus de Israel e sua manifestação no Jesus de Nazaré e a ressurreição como confirmação de que ele era o Filho de Deus foi um processo revelatório. Dentro do imaginário religioso e cultural, a comunidade vivencia a sua fé sem pretensão alguma de construir dogmas ou fazer doutrinas num primeiro momento. Para Queiruga, a Bíblia nasceu do descobrimento de Deus na vida de um povo. Antes mesmo de passar pela pena de um redator, ela é (era) fruto de uma experiência revelacional (QUEIRUGA, 2001, p. 40). O texto já é um produto revelacional e não, propriamente, *revelação*. A *revelação* não apareceu como palavra feita, como oráculo de uma divindade escutado por um vidente, mas como experiência viva.

O texto não pode ganhar *status* revelacional cabalmente. Ele possui fragilidades. As contradições, as ambivalências, o caráter histórico vêm corroborar que o texto é humano, demasiadamente humano-divino (PANASIEWICZ, 2008, p. 385-406).

O reconhecimento do *pluralismo religioso*, a partir de Tillich, se dá quando a concepção da preocupação última e suprema (*Ultimate Concern*) passa a ser o critério de encontro entre as religiões (RIBEIRO, 2014, p. 47). Quando esse for o critério, a *revelação* passa a ser uma consequência ontológica da *razão*, tornando possível o reconhecimento de que as demais tradições religiosas contemplam em suas manifestações a presença do *sagrado*. É neste sentido que Geffré (2013, p. 113) tem razão quando diz que “a experiência do *sagrado*, como experiência da *preocupação última*, que é o ponto de convergência de todas as religiões”.

Considerações finais

A contribuição de Paul Tillich para a *teologia das religiões* é um legado que ainda está em processo de exploração. O lamento é que não houve tempo para que Tillich desenvolvesse o tema com maior qualidade. Mesmo assim, as suas contribuições no diálogo com o *budismo*, a sua conferência em Chicago e os primeiros apontamentos na sua *teologia sistemática*, o torna um teólogo relevante para a reflexão da temática.

Aqui a proposta foi trazer a concepção de *revelação* como um dos critérios para o reconhecimento do *pluralismo religioso*. Tendo consciência da proficuidade do pensamento teológico tillichiano, procurou buscar no seu conceito de *revelação* um aporte teórico e metodológico quanto ao reconhecimento do *pluralismo religioso*, levando em consideração que esse tema ainda carece de reflexão principalmente quando há grupos que sustentam uma postura exclusivista portando-se como detentora da *revelação divina*.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Teológica & Loyola, 2005.
- CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da arte: espiritualidade, igreja e cultura a partir de Paul Tillich**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.
- DREHER, Martin. **Bíblia: suas leituras e interpretações na história do cristianismo**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- GEFFRÉ, Claude. **De babel a pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa**. São Paulo: Paulus, 2013.

- GOTO, Tommy Akira. **O fenômeno religioso**: a fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus, 2004.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HORDERN, William. **Teologia protestante ao alcance de todos**. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- KNITTER, Paul F. **Introdução às teologias das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MAGALHÃES, Antonio & PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do sagrado**: reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida: Santuário, 2008.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A Bíblia cativa, Cristo no céu e a Igreja ausente. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo: UMESP, ano IV, n.º 6, abr., 1989.
- MUELLER, Enio R. & BEIMS, Robert W. **Fronteiras e interfaces**: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Leitura bíblica fundamentalista no Brasil – pressupostos e desenvolvimentos. **Caminhando**, São Bernardo do Campo: FATEO, v. 7, n.º 2, out., 2002.
- OLIVA, Alfredo dos Santos. Sagrado. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.
- PANASIEWICZ, Roberlei. A fragilidade de Deus – uma compreensão da revelação de Deus em Andrés Torres Queiruga. In: SOTER (org.). **Deus e vida**: desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2008.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **A revelação de Deus na realização humana**. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. **Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus**; por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 2001.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Pluralismo e libertação**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- SOUZA, Vitor Chaves de. **Mircea Eliade e o pensamento ontológico arcaico**. São Paulo: Factash Editora, 2014.
- TEIXEIRA, Faustino. A substância católica e as religiões. **Correlatio**, São Bernardo do Campo: UMESP, n.º 10, nov., 2006. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1711/1701>>. Acesso em: 18.04.2014.

_____. **Teologia e pluralismo religioso**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.

_____. Teologia das religiões. In. BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

TILLICH, Paul. **El futuro de las religiones**: cuatro ensayos. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

_____. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 1988.

_____. **Teologia sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

XIMENES, Luciano. Revelação em Paul Tillich. *Fides reformata*, São Paulo: Mackenzie, ano XII, n.º 2, 2007, p. 63-77. Disponível em: < http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XII_2007__2/luciano.pdf>. Acesso em: 18.04.2014.